

## Discurso de ódio e falsas narrativas na cultura contemporânea

Hate speech and fake news in the contemporary culture

El discurso de odio y las falsas narrativas en la cultura contemporánea

**José Douglas Alves dos Santos** – Universidade Federal de Santa Catarina | Florianópolis | SC | Brasil. E-mail: [jdneo@hotmail.com](mailto:jdneo@hotmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7263-4657>

**Jonielton Oliveira Dantas** – Universidade Federal de Sergipe | São Cristóvão | Sergipe | Brasil. E-mail: [jonielton.dantas@gmail.com](mailto:jonielton.dantas@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1196-9266>

**Resumo:** Este artigo trata do discurso de ódio e das falsas narrativas emitidas nas mídias digitais. Inspirados à luz da hermenêutica ricoeuriana, realizamos na primeira parte do texto o relato de um caso ocorrido no Facebook, em que o discurso de ódio pode ser evidenciado de modo particular dentro de um contexto mais amplo, conforme refletimos na segunda parte do trabalho. Notamos que o maior acesso às mídias digitais tem desenvolvido um processo paradoxal: traz mais acesso à informação e possibilita maior comunicação entre as pessoas, por sua vez reforça posicionamentos conservadores com teor hostil. Neste sentido, esperamos estar contribuindo, pedagógica, política e socialmente, para uma reflexão que merece mais atenção e cuidado.

**Palavras-chave:** mídia e sociedade; discurso de ódio; mídias digitais.

**Abstract:** This article approaches hate speech and the false narratives propagated in the digital media. Inspired in the light of Ricoeur's hermeneutics, we report in the first part of the text a case that occurred on Facebook, in which hate speech can be evidenced in a particular way within a broader context, as we reflect in the second part of the article. We notice that the increased access to digital media has created a paradoxical process: it brings more access to information and enables more communication between people, in turn reinforces conservative positions with a hostile aspect. In this sense, we hope to be contributing pedagogically, politically and socially to a reflection that deserves more carefulness and attention.

**Keywords:** media and society; hate speech; digital media.

**Resumen:** Este artículo aborda el discurso de odio y las falsas narrativas emitidas en los medios de comunicación digitales. A la luz de la hermenéutica ricoeuriana, en la primera parte del texto relatamos un caso ocurrido en Facebook, en donde el discurso de odio puede evidenciarse de forma particular dentro de un contexto más amplio, tal y como lo reflejamos en la segunda parte del trabajo. Observamos que un mayor acceso a los medios de comunicación digitales ha desarrollado un proceso paradójico: por un lado, permite más acceso a la información y mayor comunicación entre las personas, pero por otro lado, refuerza posiciones conservadoras con cierta hostilidad. En este sentido, esperamos estar contribuyendo pedagógica, política y socialmente a una reflexión que merece mayor atención y cuidado.

**Palabras claves:** medios de comunicación y sociedad; discurso de odio; medios digitales.

Recebido em: 23/02/2023 | Aprovado em: 22/09/2023 | Revisado em: 23/11/2023

<https://doi.org/10.22484/2177-5788.2023v49id5188>

## 1 Para início de conversa

“[...] havia uma certa consciência de loucura em andamento.”

(Dylan, Bob, 2016, p. 100)

Neste texto, buscamos dar enfoque a uma forma de violência simbólica praticada e amplificada, no Brasil, por meio dos correntes discursos de ódio, a partir de interações nas redes sociais *online*, com suas distintas plataformas digitais, em especial com o Facebook no período concernente às duas últimas disputas eleitorais, 2018 e 2022. Concentrando nossa reflexão na primeira disputa, trazemos na parte inicial um recorte de um relato de experiência no âmbito da vida privada, pessoal; em seguida, complementando o relato inicial, ampliamos nosso olhar para outra dimensão, mais coletiva e social.

Ao direcionar nosso olhar para esse contexto contemporâneo, não é difícil identificar que vivenciamos uma situação de grave crise política, ética e partidária. Em certo sentido, uma crise que se assemelha àquela vivenciada durante o período do regime militar, iniciado em 1964. Resquícios daquele período histórico, de polarização e desinformação perante os acontecimentos por boa parte da população, talvez apareçam hoje com mais evidência em um momento em que as pessoas têm maior acesso à informação por meio das plataformas digitais, sobretudo com as redes sociais.

Não se pode afirmar que as crises vivenciadas em nossos tempos – em escala nacional e global – sejam inerentes somente ao seu momento histórico. As alterações ocorridas em relação a tais aspectos podem ser pensadas como processos ancorados em programas políticos supranacionais, conforme Ribeiro (1986) e Marinho (2018), que para além de evidenciar uma possível crise de valores, segundo Taile e Meni (2009), demonstra os valores em crise de cada sociedade e tempo histórico.

Neste caso, problematiza-se a ideia de falência nos valores éticos e morais, de responsabilidade civil, ao reconhecer que as mudanças em curso, com seus programas e projetos, alteram os próprios valores ditos como universais, trazendo outros modos de percepção do mundo e novos embates no âmbito da vida privada e pública.

Esses embates, todavia, são parte do processo de mudança social, promovem avanços e recuos, seguem-se às transformações nas relações sociais em geral. O importante nesse processo é que os princípios da convivência democrática sejam preservados, que o espaço da política não seja minado nem minimizado (Rego; Palácios, 2016, p. 66).

No Brasil, entre os embates históricos que hoje podem ser identificados com maior clareza e intensidade está o da desinformação preponderante no fascinante reino dos ambientes digitais, que promove uma irrupção massiva de discursos hostis que, a nosso ver, tendem a declinar ainda mais os princípios da convivência democrática.

Não causa surpresa encontrar atualmente discursos semelhantes aos que eram emitidos durante o regime civil-militar, ganhando novo coro, eco e repercussão, como o de uma suposta ameaça comunista, conforme ressalta Vannuchi (2020), ou de um plano de dominação comunista, como esclarecem Monnerat e Sartori (2018), então representado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e sua figura central, o então presidente Luís Inácio Lula da Silva.

Quando observamos mais atentamente práticas que propagam desinformação no espectro político das bolhas digitais notamos uma crescente onda de ódio e teratologia digital que se baseiam, em muitos casos, nos discursos anticiência e em dados referentes à construção corporativa da desinformação – como aconteceu durante as campanhas que elegeram Trump para presidente, nos Estados Unidos, em 2016, conforme explicam Martins e Tateoki (2019), e Bolsonaro, no Brasil, em 2018<sup>1</sup>, evidenciam não apenas a vulnerabilidade digital, mas a vulnerabilidade das pessoas que acessam este ambiente.

No ambiente interativo do ciberespaço e das plataformas digitais, “nas quais as relações, sejam elas individuais ou sociais, locais ou globais, estão em fluxo contínuo” (Briggs; Burke, 2016, p. 26), percebemos como muitas dessas relações têm se configurado, conforme Nandi (2018), em processos de disputa e conflitos que por vezes colocam em questão os princípios da convivência democrática.

Velloso (2008, p. 103), retomando a reflexão de Castells (2003), vê o ciberespaço “como ambiente que compõe a ágora eletrônica na cena contemporânea”, ambiente que possibilita novas formas de ações e interações entre os sujeitos. A plataforma digital

---

<sup>1</sup> Ainda que a Cambridge Analytica tenha declarado falência antes das eleições brasileiras, Danelli (2020) afirma que o candidato brasileiro contou com a ajuda do idealizador da empresa, apresentando padrões similares ao que aconteceu nos Estados Unidos.

Facebook, criada por Mark Zuckerberg, converte-se em um desses polos de reuniões públicas e coletivas onde cada indivíduo deseja participar das discussões que lhes interessam: curtindo, comentando e compartilhando notícias e opiniões.

Mas até que ponto o Facebook, como ágora contemporânea, pode estar ajudando neste processo? Será que seu uso não estaria mais desviando do debate cívico do que aproximando as pessoas para uma proposta de encontro para se resolverem conflitos comuns e de interesse da coletividade? Isso refletiria o que Keen (2009, p. 20), chama de “miopia individual”. Não que este espaço seja sumariamente prejudicial, todavia nota-se que seus usos têm reafirmado posicionamentos conservadores e levantado bandeiras de ódio cada vez mais constantes.

Ao dar visibilidade aos fatos referentes à vida privada e amplificar os fenômenos da vida pública, essa ágora eletrônica se configura então como um ambiente novo que “suscita novos desafios e outras possibilidades para as interações humanas” (Velloso, 2008, p. 109). Neste ensaio, nosso enfoque recai sobre alguns desses desafios.

Metodologicamente, utilizamos de uma abordagem hermenêutica, cuja postura epistemológica busca compreender os dados/fatos de modo a aprofundar sua leitura e interpretação. Assim, reflete-se sobre os discursos e os elementos presentes nas narrativas buscando lê-los e interpretá-los de acordo com os fatores inerentes a uma configuração histórico-política-cultural, contextualizando-os dentro dos processos em que estes acontecem.

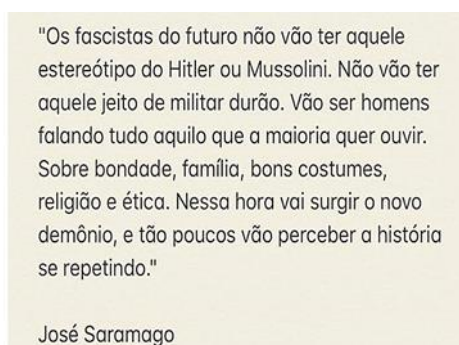
Neste caso, a postura hermenêutica, de um trabalho de pensamento que busca interpretar os textos (que podem ser imagens, narrativas e seu conteúdo) a partir de diferentes ângulos, é um trabalho essencial pois permite vincular os discursos em seus contextos históricos, temporais e espaciais, mantendo-se aberta e não fechada a apenas uma interpretação e/ou sentido único.

## 2 Um breve relato de experiência

Na época das campanhas eleitorais para presidente no Brasil, em 2018, já em meados do segundo turno da disputa, quando a polarização dos eleitores estava cada vez mais evidente nas redes sociais e nas ruas, um caso que pudemos acompanhar de perto<sup>2</sup> chamou nossa atenção e pode hoje ser utilizado como representativo daquele momento histórico.

Remetemo-nos a uma imagem compartilhada na rede social Facebook e que obteve, como resposta, outra imagem enviada logo na sequência – por alguém que revelava uma opinião contrária ao que a primeira exprimia. A primeira (Figura 1) trazia uma suposta citação do escritor português José Saramago, conforme Cantó (2018), sobre a reconfiguração do fascismo no futuro, como podemos ver a seguir:

Figura 1 – Imagem compartilhada pelo Facebook



Fonte: Pinterest (2023).

A segunda imagem, enviada imediatamente como resposta nos comentários onde a primeira foi publicada, por sua vez apresentava alguém segurando um cartaz com os seguintes dizeres: "Fascista é o \*\* da sua mãe" (Figura 2), o que, a princípio, podemos entender como uma dupla resposta: uma que acreditamos ser consciente e outra que acreditamos ser inconsciente.

---

<sup>2</sup> Literalmente de perto, uma vez que se trata de uma experiência vivenciada por um dos autores desse texto.

Figura 2 – Reposta em relação à imagem anterior



Fonte: Arquivo dos autores com imagens postadas após a postagem supracitada no Facebook

Acreditamos que haja de fato uma intenção consciente de ir contra as palavras e a posição da primeira imagem. Entretanto, acreditamos que o ato talvez não tenha sido conscientemente intencional, pois é direcionado não contra o discurso, ou o conteúdo do discurso, mas contra a pessoa em si, uma vez que a frase denigre a mãe do indivíduo – ainda que não possamos descartar também tal intencionalidade.

Proferir respostas desse tipo e desse nível a comentários ou publicações que seguiam outra ordem argumentativa e discursiva tornou-se uma prática recorrente naquela época de eleição, em diferentes meios e com finalidades similares. A segunda imagem que trouxemos se situa como ilustração de um contexto histórico em que algumas ações desenvolvidas objetivaram difamar uma posição por meio de “uma discursividade que não polemiza, não reconhece a alteridade nem qualquer tipo de diferença”, como relata Mariani (2019, p. 281).

Houve uma tentativa de conversar com a pessoa que postou a segunda imagem, no intuito de buscar entender o que faz alguém reagir a um comentário ou uma imagem de tal maneira, por meio de uma atitude tão vil. Como tática comum naquele momento, o que notamos foi o bloqueio da conta da pessoa envolvida, impedindo qualquer tipo de contato sociodigital.

Ao fazer isso, o efeito gerado não foi um debate público e aberto sobre o assunto e sua lamentável repercussão, o que talvez ajudasse a compreender o que gera reações assim tão imediatas e simbolicamente violentas. O que vimos foi, ao contrário, uma ação de fuga ao debate. Sua pretensão, porém, pode-se dizer que foi alcançada: nutrir um

discurso de ódio e fazer com que outras pessoas deferissem ofensas na defesa de suas verdades e posições.

A reflexão que propomos neste primeiro momento dá enfoque ao quanto é preciso ter cuidado para não cair em uma lógica inconsequente, com contra-argumentos que alimentam o baixo nível intelectual e ético. Aqui, como em outras situações semelhantes, convém evocar a hermenêutica como método epistemológico, como um “trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente” (Ricoeur, 1978, p. 15).

Este trabalho, de compreensão hermenêutica, segundo Ricoeur (1978), consistia em uma postura epistemológica onde se deveria buscar, nas aparências, no seu sentido aparente, outros sentidos que delas emergissem – talvez ocultados em um primeiro ponto de vista e que diz respeito a um processo de leitura contextual.

“Compreender como os sentidos circulam é compreender o quanto uma forma discursiva, seja ela remissiva ou não, pode estar em um processo de substituição metafórica” (Mariani, 2019, p. 277). A substituição metafórica no caso que trazemos vai um pouco além de uma simples mudança léxica e de sentido, ao envolver, em nosso ponto de vista, aspectos concernentes ao modo de pensamento e de comportamento de quem a publicou.

Retornemos ao relato levando em consideração a perspectiva hermenêutica situada por Ricoeur (1978), concentrando-se agora menos na interpretação da imagem e do conteúdo que ela opera e mais na atitude do indivíduo que a veiculou como resposta.

Não se trata de uma pessoa desconhecida, contratada exclusivamente para proferir discursos de ódio na internet ou de um algoritmo programado para promover tais discursos. O que leva a um choque inicial, pois dificilmente esperamos que alguém que conhecemos venha a “público” nos insultar. Porém, nessa “sociedade que parece ter feito da violência um sistema de relações”, como observou Saramago (2009, p. 48), não nos admira que isso tenha acontecido.

“Reflexões calmas, inclusive as mais calmas, ainda são melhores do que decisões desesperadas”, denotou com prudência, Kafka (2016, p. 27). Este talvez seja um caso exemplar de como o desespero pode afetar o comportamento de uma pessoa, sem que ela se dê conta de como suas ações podem atingir o(s) outro(s). Ao emitir uma opinião como a que estava descrita na Figura 2, podemos notar uma tendência de enfraquecer e deslegitimar o outro por meio do abuso da força discursiva, buscando o que sugere Skliar (2003): silenciá-lo ou torná-lo invisível.

Essa atitude pode tomar proporções mais drásticas dependendo do contexto estabelecido, segundo Saceanu (2005), chegando ao uso da força física quando a crueldade perversa é a reação predominante diante das relações estabelecidas. O que pode acontecer, por exemplo, se ao sair à rua os dois indivíduos cruzarem o mesmo caminho? O que impediria o acusado de proferir seu ódio não mais apenas com palavras, mas também por meio de uma agressividade física, ou, como descreve o escritor moçambicano Couto (2003, p. 172), através de “físicos argumentos”?

Sabemos que “o discurso de ódio proferido nas redes sociais ultrapassa as fronteiras da rede de computadores tanto na sua origem quanto na sua finalidade<sup>3</sup>” (NANDI, 2018, p. 52), bem como estamos cientes de que apesar disso as mídias digitais proporcionam outras possibilidades, de produção do conhecimento e de sua partilha que seguem na contramão dessa tendência<sup>4</sup>. Entretanto, como ressalta o psicanalista Calligaris (2017):

Nas redes sociais, é possível expressar o seu ódio, dar a ele uma dimensão pública, receber aplausos pelos seus amigos e seguidores, e se sentir de alguma forma validado. Ou seja, as redes sociais produzem uma espécie de validação do seu ódio que era muito mais difícil antes de elas existirem e se tornarem tão importantes na vida das pessoas.

Se formos analisar em profundidade o conteúdo que se transmite hoje nas redes sociais, podemos notar um elevado número de pessoas que promovem atitudes semelhantes ao do caso relatado, e nos perguntamos até que ponto elas atuam mais para separar e dividir do que agregar e trazer algum valor apreciativo. O exemplo que trouxemos não é novidade e, diante do contexto contemporâneo, tampouco pode ser considerado uma surpresa.

---

<sup>3</sup> Reflexo explícito disso podemos considerar os atos ainda recentes de vandalismo e terrorismo praticados no Brasil por extremistas, em decorrência da diplomação de Lula para o terceiro mandato como presidente e da invasão ao Congresso Nacional, ao Palácio do Planalto e à sede do Supremo Tribunal Federal (STF) ocorridos em 12 dezembro de 2022 e em 08 de janeiro de 2023, respectivamente.

<sup>4</sup> Ainda que as redes sociais tenham servido como “ponto de encontro” para a manifestação de apoio aos atos supracitados e a consequente propagação de fotos, vídeos, áudios e mensagens escritas sobre os acontecimentos – suscitando ainda mais a violência –, lembramos que as postagens nelas publicadas estão sendo usadas pelos órgãos competentes de investigação para identificar os/as terroristas e podem ser usadas como prova para incriminá-los/as.



A primeira edição do dossiê Intolerâncias nas Redes, realizado pelo projeto Comunica que Muda (CQM), da agência Nova S/B (2023) ao investigar a porcentagem de menções sobre diversos temas (homofobia, classe social, racismo, política, dentre outros) entre abril e junho de 2016, apurou que mais de 97% das menções sobre política tinham um viés negativo, expondo intolerância, preconceito ou discriminação (o que pode ser sintomático quando evidenciamos casos como o que abordamos). É a disseminação do ódio a partir de discursos veiculados pela mídia e compartilhados pelos próprios usuários ou criado por eles mesmos.

“Nem tudo nessa vida é modelar, mas tudo é exemplar” (Benjamin, 2012, p. 37). A questão que abordamos não se trata somente do que o indivíduo fez, atitude deveras lamentável em seu ponto de vista individual – e um tipo de atitude que preocupa, porque não é só ele quem fez e faz isso. O utilizamos tão somente como um exemplo, partindo do princípio descrito por Benjamin, para efetuar uma reflexão mais abrangente: a da reprodução do discurso de ódio via redes sociais, consciente ou não de seus efeitos e de suas consequências por parte de quem o produz e veicula.

Há algo muito mais profundo e preocupante que faz com que as pessoas propaguem e promovam a intolerância. “São processos de esvaziamento do indivíduo que passam a repercutir em suas ações”, conforme descrevem Santos e Melo (2015, p. 611), e [...] “por mais que haja indignação e desejo de se revoltar publicamente [contra algo ou alguém], o que muitas vezes ocorre é uma difusão/propagação de certas informações sem um ‘filtro’ de fundamentação necessária” (Santos; Melo, 2015, p. 620).

É preciso dar-lhes mais atenção e discutir de maneira séria, senão todo comentário ou postagem que se compartilhar nesse espaço escolhido como ágora contemporâneo correrá o risco, segundo Mariani (2019), de ser taxado como defesa ideológica partidária, como se tudo se resumisse a isso, e que a única forma de responder é desqualificando o outro da forma mais medíocre e atroz que existe: por meio de ataques pessoais contra os sujeitos.

Nessa era digital-informativa, muitas vezes a multiplicidade midiática tira nosso tempo de reflexão sobre determinado conteúdo, nos privando da “riqueza de significados possíveis” (Calvino, 1990, p. 73). O imediatismo na linguagem, segundo Calvino, nos priva de sua força cognoscitiva e limita nossas relações por meio do diálogo.

O processo de banalização e de sobrecarga do imaginário social, por meio do que Balandier (1999) considerava como constante repetição de informações sem uma orientação crítica de seus usos, é algo delicado e que devemos ponderar a respeito, problematizando em diferentes espaços de socialização e de produção de conhecimento.

Estamos em um momento de grande adversidade e precisamos lembrar que a partir dela podemos criar alternativas de ação, como sugere Yuka (2010), ao pensar nas oportunidades que podem surgir diante da desordem política contemporânea. Nesse contexto, narrativas que exaltam a intolerância, a violência e o ódio podem se inserir como ferramentas educativas, ao utilizarmos delas para desconstruí-las e desmistificá-las, contribuindo com o que Portelli (1996) busca em seu trabalho historiográfico: compreender os fragmentos, as pessoas e suas ações, nesse mosaico que se configura a sociedade humana<sup>5</sup>.

Na sequência continuamos a reflexão, agora trazendo uma abordagem mais macrossocial, discutindo as falsas narrativas e seus efeitos na cultura contemporânea, em especial o poder que as plataformas digitais e as redes sociais exerceram e vêm exercendo em aspectos relacionados à política a nível nacional e internacional.

### **3 Estamos vendo demais ou estamos ficando cegos?**

O tempo hodierno é caracterizado pelo protagonismo que as mídias digitais vêm desempenhando no processo de informação e comunicação, instrumentalizando os movimentos cotidianos das relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Com a ampliação do acesso às diferentes mídias e às plataformas que elas possibilitam, ampliam-se também as narrativas sobre determinados fatos e contextos, o que demanda aos usuários uma certa cautela ao interpretar, comentar ou compartilhar certas informações. Toda narrativa tem a pretensão de validar-se como verdade diante de uma comunidade ou de uma sociedade. Isso geralmente acontece quando o evento narrado encontra algum respaldo no conjunto de informações que cada indivíduo ou grupo possui sobre determinado fato ou contexto.

Por outro lado, também é válida a assertiva de que quanto menos conhecimento o indivíduo possui acerca de sua realidade, em escala micro e macrossocial, maior é a possibilidade de se deixar seduzir-se por discursos ideológicos, dogmáticos, mitológicos, ou simplesmente “vazios”. Neste sentido, vale lembrar a pesquisa realizada e divulgada pelo Instituto IPSOS Mori (2017), em que colocou o Brasil em segundo lugar quanto à percepção equivocada das pessoas em relação à realidade brasileira. Embora a percepção

---

<sup>5</sup> Um mosaico onde as identidades que antes serviam como um aspecto de reconhecimento cultural têm se tornado cada vez mais fragmentadas, conforme Hall (2006) e líquidas, para Bauman (1999; 2005), trazendo novos desafios à compreensão dos fenômenos que acontecem no mundo.

seja um indicador bastante subjetivo, a pesquisa serve como evidência de que as pessoas têm pouco conhecimento sobre temas do cotidiano, como por exemplo segurança, educação, saúde, direitos humanos, tecnologias, entre outros, o que se constitui um entrave para o debate público propositivo que vise a busca de melhoria da própria realidade<sup>6</sup>.

Pelo contrário, a ignorância sobre certas temáticas expõe o indivíduo e a coletividade aos discursos simplistas, extremados, odiosos e, muitas vezes, falsos, o que pode levar à alienação das massas. Para Freire (1975; 1981), quando deixamos de fazer as nossas próprias interpretações, delegando a outros esta competência, comprometemos sobremaneira a nossa análise crítica. Grosso modo, a competência da análise crítica assemelha-se a uma dádiva alcançada pelos que perseguem sofisticadas perguntas em detrimento das respostas acabadas. Idealizadamente desprovida de tal competência, grande parte das pessoas acabam por legitimar narrativas nada despretensiosas veiculadas pela grande mídia, grupos empresariais, partidos ou líderes políticos, líderes religiosos, e outros, propagadas para distorcer, camuflar, criar fatos novos, alterar ou manter uma determinada realidade.

Nesta seara, as redes sociais têm se instrumentalizado efetivamente como meio de comunicação e informação, constituindo uma reconfiguração de consumo e práticas a partir delas. Basta observar o poder conferido a estas ferramentas nas últimas campanhas eleitorais para presidente nos Estados Unidos da América e no Brasil. O ex-presidente Donald Trump utilizou sua conta pessoal no Twitter para expressar sua opinião sobre assuntos cuja diplomacia exigia, até pouquíssimo tempo, porta-vozes e coletivas de imprensa. Seguindo a mesma linha, o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, utilizou suas redes sociais para expressar à nação sua opinião em relação a assuntos referentes ao seu cotidiano.

Sobre este aspecto, uma característica comum entre ambos os ex-presidentes é a desqualificação da mídia tradicional que, segundo eles, prestavam um desserviço à nação. Convenhamos que grupos empresariais detentores de mídia impressa, radiofônica e televisiva, e em alguns casos, grupos que concentram a propriedade dos três meios de comunicação, concentram também a informação, pois editam “o que” e “como” o fato

---

<sup>6</sup> Cabe mencionar outra pesquisa global feita também pela IPSOS Mori (2019), em que o Brasil aparece como o terceiro país dentre os 25 pesquisados com maior índice de pessoas que preferem evitar falar sobre política com quem tem posição partidária e/ou ideológica contrária à sua – deflagrando maior polarização entre os indivíduos.

será informado ao público, atendendo a interesses que, muitas vezes, não são o da maioria da população. Recordando Galeano (2005, p. 157): “Em nossos países, a televisão mostra o que ela quer que aconteça”.

Contudo, a crítica à mídia tradicional feita pelo ex-presidente Bolsonaro não gira em torno de sua regulação econômica mediante concessões públicas, mas à dificuldade de responder questões formuladas por jornalistas, que tocavam em assuntos incômodos de sua gestão ou de pessoas próximas a ele. Ficou notória a forma ríspida como foram tratados/as os/as jornalistas ao formularem questões que divergiam do pensamento adotado pelo então presidente sobre determinados temas – o que o fez colecionar episódios de destemperamento com a imprensa, como na ocasião em que disse ter vontade em dar “porrada” no repórter que o questionou sobre movimentações suspeitas na conta de sua esposa, Michelle Bolsonaro.

As redes sociais têm tido um papel cada vez maior nas comunicações governamentais. Porém, o que aparentemente configuraria um avanço na relação representante e representados, este instrumento tem revelado uma conduta nada republicana dos operadores destas contas. Basta lembrar, como consta em Pragmatismo (2019), a nota do Ministério da Educação (MEC), publicada em uma rede social, em resposta ao jornalista Ancelmo Gois, do jornal O Globo, que havia comentado sobre a retirada de alguns vídeos do site do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Na nota, o MEC fez uma série de acusações e conspirações contra o jornalista, que em nada se assemelhou a um comunicado oficial de governo.

Em meio ao turbilhão de informações que foram divulgadas sobre o ex-presidente, sua rede social tornou-se o marco referencial para a checagem da notícia, ou seja, só era “verdade” se o presidente divulgasse na rede. Assim, não só o discurso em si, mas também a mídia pela qual é transmitido, passa a ser validado e aceito pela sociedade no geral. As pessoas não deixam de dar credibilidade a uma notícia apenas pelo fato de esta ter sido veiculada em uma rede social, pelo contrário, é cada vez mais crescente o número de pessoas que se utilizam desta ferramenta para se informar, como constatado na pesquisa realizada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado, em que o WhatsApp foi apontado como o principal meio de informação (Datasenado, 2019). As consequências disso recaí mais uma vez sobre a falta de discernimento crítico para interpretar fatos e evidências e a ausência de uma postura ética para ponderar o que deve e o que não deve ser passado adiante.

Uma postura ética que poderia nos remeter também a um conceito de responsabilidade, como o demonstrado por Salles (2018), ao se referir ao conceito descrito por Ricoeur (2002), como uma responsabilidade com o frágil diante do poder – ou de quem o ocupa e o disputa –, em suas múltiplas camadas de significação. Uma ética que atribua também uma responsabilidade com o que está sob nossos cuidados, ou que precisa de cuidados para não ser destruído ou absorvido pela lógica/força da política vigente e dominante.

“O indivíduo merece amparo porque, no mundo da força, ele é a parte fraca. O poder é por definição muitos, nunca é sozinho. Sozinho é o indivíduo”, afirma Salles (2018, s. p.). Essa multidão de sozinhos que curtem, comentam e compartilham informações, falsas ou não, nas redes sociais ou que apenas intentam propagar discursos ideológicos que revelam violência e um ódio desproporcional, merece amparo, cuidados da qual não devemos abrir mão, ainda que seja difícil compreender como podemos ajudá-los.

É nossa responsabilidade para com o(s) outro(s) ao menos tentar, uma responsabilidade com nós mesmos, pois diante deles estamos também nós, como um espelho que reflete nosso modo de pensar e de agir. Tentar ajudar na construção dessa postura ética para evitar o que já vem acontecendo, a união dessas vozes sozinhas que aos poucos formam um coro e, quando menos percebemos, espalham ódio, rancor e disseminam o trágico como se este fosse a nova ordem do dia.

Essa postura ética, por meio de uma responsabilidade coletiva e social, uma responsabilidade civil, pode se converter em sabedoria prática ou em éticas aplicadas, conforme Ricoeur (1991), passível de ser transferido para distintos campos da vida cotidiana, estabelecendo pontes entre os sujeitos e suas práticas, contribuindo na constituição de homens e mulheres que sejam capazes de enfrentar seus dilemas e conflitos em situações trágicas, aspirando assim a “uma vida boa, com e para os outros, em instituições justas” (Ricoeur, 2011, p. 5).

No entanto, como estabelecer essa postura ética diante dos espaços de interação que a internet possibilita, em especial as redes sociais, onde a sensação mais premente é de que se trata de territórios sem lei, conforme Machado, Dias e Ferrer (2018) e França (2020), onde as pessoas no afã de serem vistas, notadas pela comunidade virtual, emitem suas opiniões sobre tudo e todos sem nenhum pudor, sem medir as consequências das palavras usadas, das imagens lançadas, numa cólera imediatista de contrapor o outro sem uma reflexão prévia que o fundamente?

Estes perfis saem do isolamento quando suas ideias encontram ressonância em pessoas que pensam de modo semelhante ou que por falta de um pensamento mais acurado sobre determinado assunto acabam adotando aquela perspectiva para si. É a validação da qual se refere Calligaris (2017), quando o indivíduo sozinho encontra outros que compactuam do mesmo discurso e aos poucos podem formar um coro em direção ao poder, independente do que ou de quem eles precisem passar por cima (metafórica e literalmente falando).

Neste sentido, é oportuna a declaração dada por Umberto Eco, em 2015, na ocasião em que recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* em Comunicação e Cultura pela Universidade de Turim. O jornalista Gianluca Nicoletti transcreve uma das respostas de Eco durante a breve conferência de imprensa depois de receber o título:

As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel. É a invasão dos imbecis. [...] O drama da internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade” (Nicoletti, 2015, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Considerando o avanço das plataformas digitais no Brasil, fica difícil discordar do filósofo italiano. Não se trata de condenar as mídias sociais por instrumentalizarem um espaço que favoreceu a difusão de diferentes opiniões, nem de negar que este instrumento permitiu ecoar para os quatro cantos do mundo vozes sucumbidas e, por que não dizer, amordaçadas, de pessoas e segmentos sociais que não encontravam espaços para defender seus territórios e suas culturas. Também não se trata de condenar o embate de ideias divergentes, pelo contrário, defendemos que o diálogo e o exercício da dialética são salutares à construção e socialização do conhecimento, e para a consolidação das liberdades democráticas dos cidadãos. Trata-se, portanto, de condenar a ignorância, a falta de bom senso, e o mau-caratismo com que algumas pessoas se apropriam de tais ferramentas – como acompanhamos no relato descrito na primeira parte desse texto.

---

<sup>7</sup> I social media danno diritto di parola a legioni di imbecilli che prima parlavano solo al bar dopo un bicchiere di vino, senza danneggiare la collettività. Venivano subito messi a tacere, mentre ora hanno lo stesso diritto di parola di un Premio Nobel. È l’invasione degli imbecilli. [...] Il dramma di Internet è che ha promosso lo scemo del villaggio a portatore di verità (Nicoletti, 2015).

Refletindo sobre as redes sociais como um dos espaços aglutinadores das disputas político-ideológicas travadas, sobretudo, nos últimos anos em nosso país, é inegável o papel paradoxal que estes meios desempenharam, pois se por um lado uniu pessoas em torno de uma causa comum, por outro, consubstanciou o alargamento da divisão da sociedade brasileira. As redes sociais deram voz a todo tipo de pensamento e discurso, do mais humanista ao mais bárbaro, e, por vezes, este último se concretizou em confrontos violentos nos espaços reais da vida cotidiana.

As mídias sociais têm sido um canal direto entre políticos e sua base eleitoral, uma nova maneira de relação em uma sociedade cada vez mais conectada. Contudo, isso nem sempre pode ser entendido como fortalecimento da democracia, uma vez que, diante do descrédito que a classe política brasileira passa perante a população, os políticos têm apelado para um discurso de negação da política, disseminando frases de efeito, sem apontar planos concretos para os reais problemas da nação.

A desqualificação da vida em comum e os ataques repetidos contra o senso de coletividade contribuem para a desqualificação da política enquanto caminho e espaço legítimo para a busca dos consensos necessários, ainda que temporários, para a vida em comum. Nosso país, que não possui tradição democrática e cuja consciência política é repetidamente minada e destruída pelos donos do poder, sucumbe facilmente à destruição de suas esperanças, que, em geral, são percebidas como dádivas das classes dirigentes e não como conquistas de um povo (Rego; Palácios, 2016, p. 69).

Destarte, cidadãos ligados ao segmento político, e até quem não tinha ligação – mas que, durante os últimos pleitos eleitorais, tais pretensões foram evidenciadas – encontraram nestes espaços um terreno fértil para semear na sociedade brasileira, mediante discursos, as sementes do ódio, da discriminação, da intolerância, do egoísmo, e da mentira, que encontraram no terreno da ignorância, preparado pelas próprias estruturas políticas, as condições para crescer e se alastrar pelos campos como ervas daninhas. Esse tipo de discurso quando deixado crescer sem controle, acaba suprimindo as raízes do respeito, do bom senso, da empatia e da verdade.

As mídias digitais foram decisivas nas eleições de 2018, não pelo fato de ter democratizado a informação sobre os candidatos a representantes do povo e suas propostas, mas por favorecer a disseminação rápida de discursos que não se sustentariam se a população fosse mais esclarecida, conhecedora da sua realidade, consciente da responsabilidade do voto e de seu dever político-social que vai além das urnas, ao

contribuir para a fiscalização e a conseqüente cobrança dos que ocupam cargos públicos. Deste modo, venceu a ignorância, a insensatez e a desinformação.

Assim, as falsas narrativas vão sendo produzidas e reproduzidas pelas redes sociais, de forma que compartilhadas centenas de milhares de vezes, são legitimadas como verdade, formando com cada vez mais frequência a opinião da sociedade. A capacidade de questionar tais narrativas passa a ser, portanto, um atestado de sanidade face à cegueira provocada pelas telas. Ou será que estamos vendo demais?

#### **4 Considerações finais**

“Vivemos cercados de mentiras, e estas são uma arma política de alta precisão” (Saramago, 2010, p. 470).

O jornalista, cartunista e humorista brasileiro Millôr Fernandes (2002), em tom irônico e tomando como referência a Idade Média, afirmara que na década de 1980 havíamos entrado definitivamente na Idade Mídia. Desde então, as trevas dessa nova era global parecem ter se alastrado do outrora privilegiado espaço televisivo para as plataformas digitais e as suas redes de interatividade informacional e comunicacional – como é o caso do exemplo aqui mencionado, o Facebook.

Neste sentido, é salutar quando Leite (2007, p. 9), acentua que “talvez nos falte descobrir qual é a lógica mais geral que permita a produção de um novo discurso nacional, primeiro acadêmico, quando possível também de mídia e, por fim, político”. Falta-nos preparo e um pensamento coeso sobre como agir diante dessas “práticas elaboradas a partir da cibercultura que modificam a paisagem comunicacional e social contemporâneas” (Lemos, 2005) onde é possível perceber “uma multiplicidade de mudanças em curso” (Jenkins, 2009, p. 9).

Temos evidenciado no Brasil muitas vezes um uso despreparado e acrítico das plataformas digitais, que difere de casos em que elas estão sendo utilizadas com outros fins, ajudando a construir redes colaborativas em que se ativam e se mantêm conexões comunitárias, como demonstrado Rivoltella (2017), e que reflete socialmente e de forma qualitativa no modo como as pessoas se relacionam.

Nessa emergência de novas formas e práticas sociais, que segundo Lemos (2005), vêm alterando significativamente a forma como nos relacionamos com o mundo e com as pessoas, consideramos pertinente refletir sobre tais configurações, em especial no



contexto aqui trazido, perpassando aspectos da esfera individual à social para melhor compreender o impacto e o alcance de tais práticas no cotidiano<sup>8</sup>.

Com uma leitura atenta podemos aproveitar desse pequeno recorte da experiência relatada, bem como de sua subsequente reflexão, para buscarmos novas respostas e significados às práticas sociais hoje recorrentes. “Como resistir a esta eficácia da violência simbólica do outro?”, pergunta Mariani (2019, p. 283). Como resposta, “possível e provisória”, Mariani, acentua o fato de se escrever sobre isso, pois a escrita se onfigura como uma forma de resistência, de luta e de compreensão.

Esperamos, assim, estar contribuindo pedagógica, política e socialmente para uma reflexão que merece mais atenção e cuidado para a compreensão dessa angústia comum, cada vez mais frequente e evidente na sociedade, no intuito de valorizar a capacidade caleidoscópica de nossas mentes, “essa capacidade de imaginar a vida a partir de múltiplos pontos de vista” (Murray, 2013, p. 158). Quem sabe, então, possamos recuperar aquela riqueza de significados possíveis, já mencionado durante o texto.

## Referências

BALANDIER, Georges. **O dédalo**: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. Obras Escolhidas, v. 1.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

---

<sup>8</sup> E mais uma vez fazemos menção aos atos terroristas de janeiro deste ano ocorridos na capital brasileira como reflexo de tais práticas que transcendem a esfera individual e se reconfiguram em algo de maior dimensão.

CALLIGARIS, Contardo. Redes sociais validam o ódio das pessoas, diz psicanalista - Entrevista à BBC. **BBC Brasil**, São Paulo, jan. 2017. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38563773?ocid=socialflow\\_twitter](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38563773?ocid=socialflow_twitter). Acesso em: 19 nov. 2022.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANTÓ, Pablo. A frase sobre os “fascistas do futuro” que José Saramago nunca disse. **El País**. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/11/cultura/1533999794\\_151053.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/11/cultura/1533999794_151053.html). Acesso em: 10 dez. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DANELLI, Carolina Miranda. **Fake news e fact-checking na era das campanhas políticas digitais**. 2020. Dissertação (Mestrado em Marketing Digital) – Universidade Europeia, Lisboa. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/35003>. Acesso em: 30 jan. 2021.

DATASENADO. **Redes sociais, notícias falsas e privacidade de dados na internet**. Brasília: Instituto de Pesquisa DataSenado, 2019.

DYLAN, Bob. **Crônicas**: volume um. São Paulo: Planeta, 2016.

FERNANDES, Millôr. **Millôr definitivo**: a bíblia do caos. Porto Alegre: L&PM, 2002.

FRANÇA, Marlene Helena. A responsabilidade civil e criminal na internet: o papel do judiciário brasileiro. **Quaestio Iuris**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 480-507, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/quaestioiuris/article/view/41943>. Acesso em: 11 dez. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO IPSOS MORI. **Perigos da percepção 2017**. São Paulo: Ipsos, 2017. Disponível em: [https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2017-12/ipsos\\_perigos\\_da\\_percepcao\\_2017.pdf](https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2017-12/ipsos_perigos_da_percepcao_2017.pdf). Acesso em: 5 dez. 2018.

INSTITUTO IPSOS MORI. **A world apart? Global study for the BBC crossing divides season**. Londres: Ipsos Mori, 2019. Disponível em: [https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2019-03/bbc\\_crossing\\_divides\\_.pdf](https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2019-03/bbc_crossing_divides_.pdf). Acesso em: dez. 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KAFKA, Franz. **Obras escolhidas: a metamorfose, o processo e carta ao pai**. L&PM: Porto Alegre, 2016.

KEEN, Andrew. **O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira (org.). **Milton Santos: encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

LEMONS, André. Ciber-cultura-remix. **Seminário: "Sentidos e Processos" dentro da mostra "Cinético Digital", Mesa "Redes: criação e reconfiguração"**. São Paulo: Itaú Cultural, ago. 2005. Disponível em: <https://facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

MACHADO, Vinicius Rocha Pinheiro; DIAS, Jefferson Aparecido; FERRER, Walkiria Martinez Heinrich. Biopolítica e novas tecnologias. O discurso do ódio na Internet como mecanismo de controle social. **RIL**, Brasília, v. 55 n. 220, p. 29-51, out./dez. 2018. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/552767>. Acesso em: 17 nov. 2022.

MARIANI, Bethania. As formas discursivas e a ameaça comunista. **Línguas e instrumentos linguísticos**, Campinas, n. 44, p. 266-285, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao44/d/artigod7.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

MARINHO, Eduardo. **Dez textos**. Rio de Janeiro: Lida, 2018.

MARTINS, Marcelo Guerra; TATEOKI, Victor Augusto. Proteção de dados pessoais e democracia: fake news, manipulação do eleitor e o caso da Cambridge Analytica. **Redes**, Canoas, v. 7, n. 3, p. 135-148, out. 2019. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/redes/article/view/5610>. Acesso em: 11 dez. 2023.

MONNERAT, Alessandra; SARTORI, Caio. Boato circula com falso 'plano de dominação comunista' do PT. **Estadão**, São Paulo, jul. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/boato-circula-com-falso-plano-de-dominacao-comunista-do-pt/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

MURRAY, Janet Horowitz. A estética do meio. *In*: MURRAY, Janet Horowitz. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural; Unesp. 2013. p. 99-176.

NANDI, José Adelmo Beck. **O combate ao discurso de ódio nas redes sociais**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação) – Centro de Ciências, Tecnologia e Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Araranguá, SC, 2018.

NICOLETTI, Gianluca. UMBERTO Eco: "Con i social parola a legioni di imbecilli". **La Stampa**, Turim, 10, jun. 2015. La Stampa Cultura. Disponível em: <http://www.lastampa.it/2015/06/10/cultura/ecocon-i-parola-a-legioni-di-imbecilli-XJrvezBN4XOoyo0h98EfiJ/pagina.html>. Acesso em: 09 dez. 2022.

NOVA S/B. **Dossiê Intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital**. 2016. Disponível em: [https://s18628.pcdn.co/wp-content/themes/comunica/dist/dossie/dossie\\_intolerancia.pdf](https://s18628.pcdn.co/wp-content/themes/comunica/dist/dossie/dossie_intolerancia.pdf). Acesso em: 19 dez. 2022.

PINTEREST. 2022. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/41658365287560550/>. Acesso em: 09 dez. 2022.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

PRAGMATISMO. Nota do MEC diz que jornalista... 2019. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/01/nota-do-mec-kgb.html>. Acesso em: 10 nov. 2022.

REGO, Sergio; PALÁCIOS, Marisa. Ética e democracia em tempos de crise. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 40, n. Especial, p. 63-72, dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/vLr7McrVNSBfzTDHC878Vnb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 dez. 2023.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RICOEUR, Paul. **Ética e moral**. Covilhã: LusoSofia, 2011.

- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papyrus, 1991.
- RICOEUR, Paul. **O único e o singular**: nomes de Deuses: entrevistas a Edmond Blattchen. São Paulo/Belém: Unesp/UEPA, 2002.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Tecnologie di comunità**. Brescia, Italia: La Scuola, 2017.
- SALLES, João Moreira. El Salvador – a respeito da força e da fragilidade. **Piauí**, Rio de Janeiro, Edição 147, dez. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/el-salvador/>. Acesso em: 11 dez. 2023.
- SANTOS, José Douglas Alves dos; MELO, Aísha Kaderrah Dantas. Quando não é apenas a mídia, mas também o próprio indivíduo um reprodutor de ideias. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL INTERDISCIPLINAR EM EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS, 5, 2015. **Anais** [...]. Francisco Beltrão/PR, 20 a 22 de maio de 2015. Disponível em CD-Rom. Acesso em: 22 nov. 2022.
- SARAMAGO, José. **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SARAMAGO, José. **O caderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SACEANU, Patrícia. **A inquietante estranheza na contemporaneidade**. 2005. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto/Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- TAILLE, Yves de La; MENI, Maria Suzana de Stefano (org.). **Crise de valores ou valores em crise?** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- VANNUCHI, Camilo. Que ameaça comunista é esta que o Governo tanto fala? **Uol**, São Paulo, maio 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/columnas/camilo-vannuchi/2020/05/28/que-ameaca-comunista-e-esta-de-que-o-governo-tanto-fala.htm>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- VELLOSO, Ricardo Viana. O ciberespaço como agora eletrônica na sociedade contemporânea. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 103-109, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/pT9z9fHB46VxXGQ56Wj5PYP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

TEDx Talks. YUKA, Marcelo. **Sua relação especial com o corpo:** Marcelo Yuka at TEDxSudeste. Rio de Janeiro: TEDx Talks, 30 out. 2010. 1 vídeo (18:14 min.). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WLIN\\_Xf4CFk](https://www.youtube.com/watch?v=WLIN_Xf4CFk). Acesso em: 11 dez. 2023.